

E' que os governantes dos dois países, sabendo previamente que a grande maioria dos seus súbditos se recusaria a tomar a ofensiva, tiveram o cuidado de convencer toda a gente, por meio de notícias oficiais habilmente engendradas e da censura exercida sobre as informações particulares, de que eram os outros os agressores; e assim conseguiram, até certo ponto, tirar aos socialistas dos respectivos países a autoridade moral para, por meios violentos, impedirem a guerra.

De resto não se tratava apenas da *defesa da Independência, do solo querido da Patria, etc.*; em França, segundo a grande imprensa, a guerra era também a *defesa da Liberdade, do Progresso, da Civilização*, contra o imperialismo germanico; e na Alemanha, a guerra, além de ser uma luta pela Integridade e Independência Nacionais ameaçadas, era também a *defesa do Progresso, da Ciencia, da Civilização germanica*, contra o *czarismo russo*, contra a coligação dos bárbaros da Europa.

E após uns pálidos e platónicos protestos contra a guerra, sem que uns ou outros tenham tido o desassombro de iniciar um movimento a sério, lá se deixaram conduzir ao matadouro onde se estão despedaçando aos milhões pelos interesses dos abutres da alta finança e dos bandidos da grande industrial

#### Que fazer?

Pois bem!

Nós, que sabemos que a guerra, vencedores ou vencidos, só nos acarretará, e a todos aqueles que não tenham grandes capitais a emprestar, uma sobrecarga de miséria; nós, que na guerra arriscamos tudo sem uma unica probabilidade de vitória, de melhoria moral ou material; nós, que sabemos que a guerra representa sempre o esmagamento das liberdades conquistadas, e o triunfo da reacção; nós, que não possuímos um unico palmo desse solo patrio para defender; nós, para quem as liberdades constitucionais são uma comédia repugnante e mentirosa, que odiamos essa caricatura de civilização, e esse progresso, realizado em benefício duma classe, que nos esmaga e tritura e cada volta da sua roda; nós, não queremos a guerra!

A ela preferimos tudol

Para impedir semelhante catastrophe, todos os meios são bons, todas as violencias são justificaveis; porque a guerra é o pior de todos os males!

A guerra é para nós uma derrota certa.

A revolta, a insurreição, é sempre uma probabilidade de vitória. E ainda mesmo vencida, ainda que não alaste, ainda que seja esmagada, ela ficará na história a indicar aos vindouros o caminho da verdade, a mostrar-lhes que pela paz, pela humanidade, pelo nosso ideal luminosissimo de felicidade para todos os homens, demos tudo o que possuíamos — porque demos a vida!

## Patriotismo ou que?

Percebendo a fraqueza e o artificial dos argumentos em favor do «patriotismo», considerado como sentimento político, como a fidelidade cega e inconsciente ao Estado e aos interesses burgueses, alguns democratas falam-nos de civilização anglo-francesa (e russa, não?) e de barbaria germanica, da defesa de liberdade e dum patriotismo ideal contra o imperialismo teutónico.

Mas ao mesmo tempo aplaudem o patriotismo alemão e batem palmas ao gesto dos pseudo-socialistas alemães, que foram apertar a mão ao *kaiser*!

Em que ficamos então? Trata-se da defesa da «patria» dos ricos, ainda que seja um império militarista e semi-feudal, ou da defesa de liberdades e ideais?

Não deveriam os nossos democratas aconselhar os alemães a tomar o partido da civilização e da liberdade? Assim o entenderam alguns alemães, alistando-se em França na legião estrangeira; assim o entenderam também muitos franceses avançados, que apelam ainda para a solidariedade e cooperação dos socialistas e revolucionários tudescos.

A lógica dos patriotas!

# Contra a guerra

O movimento de protesto contra essa horrorosa carnificina que neste momento assola a velha Europa, vai-se espalhando por toda a parte. E conquanto não apresente aquela rapidez e aquela grandiosidade que seria para desejar, pelo menos mostra, á saciedade, todos os esforços dos revolucionários sociais.

A imprensa burguesa de todos os matizes, em face destas manifestações antiguerreiras, procura desnor-tea-las amesquinha-las mesmo. Tem interesses ligados á guerra, e por isso não põe dúvida em valer-se de toda a bagagem literária dos seus perdigueiros, para servir ao público basbaque uma «mercadoria avariada.»

Mas nós, que sempre combatemos processos baixissimos d'essa pseudo «alavanca do progresso», que sempre vimos nela um meio excelente de explorar o dinheiro e a ignorancia das massas populares, nós que pretendemos sempre restabelecer a verdade, pura e cristalina, continuaremos, através de tudo, a manter a mesma linha de conduta, certos de que compraremos assim com o nosso dever.

Assim, relataremos, embora resumidamente todos os comícios, sessões de protesto, conferencias, palestras, etc. que se efectuem não só contra a guerra actual como contra possíveis guerras futuras.

\*\*\*

Na penultima quinta-feira, o nosso camarada Serafim Cardoso Lucena, a convite do grupo Verdade e Luz, realizou uma conferencia na sede do G. Recreativo «Boa Amizade», de Coimbra. A's 21 horas, achando-se a sala completamente cheia, o nosso camarada dá principio á sua conferencia que, sob todos os pontos de vista, resultou brilhantissima.

Com a sua palavra entusiástica, o nosso camarada expôs todas as origens da guerra e as victimas que ela ocasiona, deixando na miséria mais atroz aqueles que, desinteressadamente, e obedecendo apenas a um principio falso — o patriotismo — vão sacrificar-nos tortuosos campos da batalha a sua vida e a vida daqueles que lhe são caros. Referiu-se aos interesses inconfessaveis dos capitalistas, que modernamente provocam as guerras demonstrando que o afan de conquistar mercados, destruir industrias é que levou os Estados a armarem-se e a lutar uns contra os outros; desaparecido o interesse capitalista, claro que desapareceriam tambem essas horrendas chacinhas. Historia depois como a classe parasitaria firmou o seu poderio, criando a desigualdade e opressão, e advoga a necessidade imperiosa dos trabalhadores se unirem e harmonisarem para fundarem uma sociedade livre onde exista apenas a felicidade e o bem estar. Lavra o seu energico protesto contra a guerra, sendo secundando por a numerosa assistencia.

Nesta altura, um tal Alfredo de Carvalho pede a palavra para refutar as palavras de Lucena. Sendo-lhe concedida pronunciou uma enfiada de palavras que não refutaram coisa nenhuma. Argumentos são argumentos, diz o adagio. Mas o contraditor é que não sabia disso. E por mais que esgrimisse a sua dialecta, não foi capaz de encontrar um ponto de apoio, motivo porque, a certa altura, protesta energicamente contra a guerra, «porque ela só tinha em vista dar cabo dos trabalhadores e favorecer os interesses dos capitalistas.»

A conferencia é então encerrada no meio de calorosos gritos de *Abaixo a guerra e os assassinos do povo... Viva a paz universal e a emancipação dos trabalhadores.*

\*\*\*

Por entre a miséria e a fome que presentemente, e mercê dum guerra criminosa invadem os lares dos que trabalham, comestem-se, de quando em vez, actos repugnantissimos que constituem um aplauso tácito a essa horrorosa carnificina. São os satisfeitos, os que tem sempre a mesa posta, os que rebentam de indigestão que, á falta doutros acepipes, preten-

dem sorrir-se da desgraça e dos sofrimentos dos que tudo produzem...

A burguesia do Funchal, ancha da sua casta no dia 8 do mez findo entendeu que para se divertir devia organizar um cortejo, para, á sua vontade, manifestar ostensivamente o seu regosijo alarve pela conflagração europeia ser um facto.

E, firme neste proposito, *alugou* alguns *automoveis*, num dos quais meteu uma filarmónica, engrinaldou-os com bandeiras e balões á veneziana e tratou de percorrer as ruas da ilha dando vivas á guerra, estoirando foguetes de bomba ríal e de lágrimas. Era uma sua manifestação que lhe ficava bem ao rosto e definia o seu caracter de hienas e de panteras: ria-se da fome nos lares proletários e dava a entender ao mundo culto que possuia ideias... *guerreiras*... Mais tarde a história falaria deles com aquele acendrado patriotismo de barriga...

Vai senão quando, os trabalhadores, madeirenses, enojados com o procedimento daqueles que ignobilmente os exploram, reúnem-se em número avultado, e á cacetada e á pedrada fizeram debandar tudo. A manifestação redundou num fiasco. Os burgueses e semiburgueses, capitalistas e industriais largaram numa carreira doida, perante a attitude enérgico dos nossos camaradas. E os vivas á guerra, foram substituídos por os gritos de *abaixo a guerra, morram os assassinos do povo, saltados pelos trabalhadores.*

Foi uma bela lição que apanharam aquelas criaturas que, no afan da notoriedade, não se importavam dos que directamente já estão a sofrer as consequências nefastas da guerra.

Um bravo aos valentes operários que tão bem souberam mostrar que no seu cérebro germinam ideias de emancipação social. Actos desta natureza nobilitam-nos e elevam-nos no conceito dos trabalhadores de todo o mundo.

\*\*\*

Hoje pelas 16 horas realizam-se duas conferencias, sob o tema, *a guerra e as suas consequências*. Uma é na ex-cooperativa de Oliveira do Douro, Lugar do Outeiro (Gaia), sendo conferente o nosso camarada Serafim Cardoso Lucena; a outra é na sede do centro Regeneração Humana, rua de Azevedo, Campanhã, e é conferente o nosso camarada Manoel J. de Souza.

## Açambarcamento

O açambarcamento é uma operação que consiste em retirar da circulação dum país, por meio de compras premeditadas, certo produto, uma forte quantidade de géneros ou mercadorias da mesma espécie, na intenção de causar a sua rareza no mercado e de regular a sua venda, fixando arbitrariamente os preços num dado momento, afim de realizar lucros exorbitantes. O açambarcamento pôde exercer-se sobre todas as espécies de mercadorias e de produtos, mas o termo applica-se mais especialmente a esta especulação quando ela recai sobre objectos de primeira necessidade, como o trigo e outras substâncias alimentares.

O açambarcamento tem sido considerado como um crime pelas mais antigas legislações.

Salomão, no livro da *Sabedoria*, aponta os açambarcadores á maldição dos povos.

Entre as repúblicas gregas, só Atenas fizera leis contra o açambarcamento; o culpado era punido de morte. Afinal, a Grécia é uma das regiões onde meno influencia parece ter exercido esta calamidade.

Nos tempos da república romana, não havia leis contra o açambarcamento; mas sob o governo dos imperadores, essas leis multiplicam-se. Segundo as

circunstâncias, feriam o culpado duma multa, da confiscação de todos os seus bens ou do exílio perpétuo.

As capitulares de Carlos Magno e as ordenações dos reis de França contem um grande número de disposições contra os açambarcadores. Todas as leis proibitivas desapareceram no reinado de Henrique IV; Sully concede ao comércio dos cereais uma liberdade sem obstáculos. No tempo de Luís XIII e de Luís XIV voltam a vigorar as leis proibitivas, de novo abandonadas no reinado de Luís XV.

E' então que se forma essa associação conhecida na história pelo *Pacto da Fome*.

Constituída em 1729, no tempo do ministério d'Orly, foi renovada quatro vezes em setenta e seis anos, e só a revolução de 1789 a pôde destruir.

Dela faziam parte ricos proprietários, financeiros, homens de justiça, cortesãos. Luís XV ajiuntou-lhe 10 milhões, e é positivo que Luís XVI a conheceu e aprovou. O último acto relativo a esta associação é datado de 12 de julho de 1767.

Não se imagina com que cuidado minucioso e com que cinismo eram previstos e regulados pelos senhores d'esse tempo os meios de especular sobre a fome de uma nação inteira.

Todas as operações foram favorecidas, protegidas mesmo: puderam exportar os cereais para o estrangeiro e guardá-los nos depósitos. O resultado dessas terríveis operações do monopólio do comércio de cereais e outros géneros foi uma série de carestias gerais, que se repercutiram em 1776.

A Revolução, que derrubara o *Pacto da Fome*, assegurando a venda e livre circulação de grãos e farinhas, não destruiu contudo o mal. Os especuladores acharam largo campo; surgiram em vez do *Pacto da Fome*, muitas outras associações que não tiveram efeitos menos desastrosos, ajudando a obra das más colleitas, das perturbações sociais, da falta de transportes.

A convenção votou leis punindo de morte os açambarcadores e fixando o *maximum*. O remédio foi pior que o mal; ninguém ousava já comprar para revender, não sabendo onde acabava o comércio licito e começava o ilícito, podendo qualquer compra ser considerada e denunciada como açambarcamento.

Hoje subsistem nas legislações penalidades contra o açambarcamento, as quais, em regra, não são applicadas, porque iriam atingir pessoas que, por sua situação financeira, occupam as classes dos que não costumam ser alcançados pelos raios da lei...

Vemos produzirem-se altas artificiais sobre os géneros de primeira necessidade, como a farinha, o açúcar, etc. Essas altas veem do facto de estar o comércio d'esses géneros á mercê de um punhado de especuladores que se coligam para fixar um preço a seu gosto.

Estes especuladores não são inquietados, apesar das reclamações do publico. Nos Estados Unidos há leis relativas aos *trusts*, que estes violam sem perigo mil vezes por dia.

Muito se tem discutido sobre a legitimidade ou ilegitimidade do açambarcamento. Uns querem leis restrictivas, outros reclamam liberdade absoluta.

Parece-nos que existe uma terceira opinião que, indo ao fundo da questão, acha que o remédio consiste numa modificação das condições económicas que permitem o açambarcamento.

Uma legislação restrictiva só acidentalmente pôde ser applicada, e ainda assim com parcialidade, porque os especuladores e os financeiros são os verdadeiros governantes. São eles que, em virtude do seu poder plutocrático e da influencia de desastrosa de que são capazes nos negócios de todos os países, tem nas mãos os interesses maiores dos Estados. Os governos são forçados a respeitá-los e por consequência a obedecer-lhes. Por isso são superiores ás leis,

O açambarcamento só é possível porque, com a organização actual em vigor, pôde uma minoria tomar e deter á vontade uma parte das riquezas sociais, em uma palavra, porque a base do nosso sistema económico é a propriedade individual.

Quando se suprimir a propriedade privada, quando não se puder exercer esse pretendido direito de realizar um lucro, uma renda ou um juro sobre bens possuídos, será impossível o açambarcamento.

A produção será feita para satisfazer as necessidades da sociedade, isto é, de todos os indivíduos que a compõem, e não para enriquecer alguns em prejuizo dos outros.

A. G.

## Notas Rubras

### A propósito de um caso

Entre varias permutas que leio assiduamente na redacção deste jornal conta-se o «semanario defensor do caixeiro portuense» — *Acção*, desta cidade.

Ao fazer, por consequente, na passada semana, a leitura do seu n.º correspondente a 6 do mez que decorre encontrei uma noticia com o titulo — *Explicações*, que me levou a analisar atentamente o relato duma sessão solene realizada na Associação de Classe dos Empregados do Comercio de Viana do Castelo, no penultimo domingo, 30 de Agosto, para comemorar a promulgação do descanço semanal, pois que a referida local se prendia com a attitude dum nosso camarada, caixeiro de Viana, na mencionada festa.

Não diz o relato quais as palavras que o nosso citado camarada proferiu na tal sessão solene; apenas frisa que ele «firmou a sua discordancia com a orientação da festa».

Se um episodio de solidariedade não me tivesse forçado a dedicar alguma atenção a coisas que se relacionam com o sindicato dos caixeiros de Viana, o caso de que me occupo não teria para mim a importancia que, assim tem.

Porem, há um facto importante, que me obriga a fazer algumas ligeiras considerações á correctã attitude do camarada a que já me referi perante a organização da referida sessão solene:

Quando, em Maio ultimo, a Câmara de Viana deliberou que o commercio daquela cidade abrisse as suas portas nos domingos em que all se realizassem determinadas excursões, a associação dos empregados do comercio do Porto encetou uma campanha contra a resolução tomada pelos edis vianenses.

Na altura em que estava mais acêsa a luta para derrubar esse cerceamento do descanço dominical aos caixeiros de Viana, a Direcção do Centro e Biblioteca de Estudos Sociais foi entender-se com o presidente do Conselho Director da União dos Empregados do Comercio do Porto, para ver se necessario era deixar de realizar a excursão a Viana, que promovia no domingo 19 de Julho p. p., apesar das consideráveis despesas que já havia feito, visto estar em jogo a regalia dos nossos camaradas caixeiros vianenses.

Como não foi necessario fazer esse sacrificio o Centro em questão mandou um officio á Câmara de Viana, protestando contra a resolução de que trato e pedindo uma resposta categorica sobre se sim ou não autorizava a abertura dos estabelecimentos no dia da excursão.

Não sabemos se foi só com a attitude activa do Centro B. E. Sociais que a Câmara reconsiderou; o que é certo é que ela respondeu não deixar abrir os estabelecimentos nesse domingo.

Adiante.

Para fazer uma recepção aos camaradas que tomaram parte na excursão do Centro B. E. Sociais, o sindicato dos manufactores de calçado daquela cidade enviou a todas as associações de classe, suas conterraneas, um convite para esperarem na estação, com as suas respectivas bandeiras, os excursionistas do Porto. Pois, a despeito do Centro B. E. Sociais ser uma colectividade instrutiva e ter tomado uma attitude de verdadeira solidariedade, com certos sacrificios na realização do passeio áquella cidade, essa agremiação respondeu que não esperava a excursão «porque o Centro promotor era um grupo politico.»

Ainda assim tudo se justificaria, em parte, desde que a associação dos caixeiros de Viana tivesse uma certa coerencia em todos os seus actos. Mas tal não se dá.

Essa sessão solene comemorativa da promulgação da lei do descanço semanal foi a coisa mais politica e anti-proletaria que se poderia fazer. Principia-se pela presidencia, que foi o governador civil, o representante do Estado. O presidente da Associação Commercial associa-se á festa, por meio de officio. Um padre, deputado e vereador, faz uso da palavra, terminando com um paternal conselho da forma que os empregados deviam empregar o tempo do descanço...

E, finalmente, são inaugurados dois retratos: Um do padre arcebispo e outro dum patrão!

Por isso, se o camarada Frutuoso Agostinho afirmou a sua discordancia com a orientação da festa, nada mais